

**Gustavo Fiorini Marques**

# **UMA LINHA É UMA LINHA, MAS TAMBÉM PODE SER A LINHA**

---

Logo que entrei no curso de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em 2016, aconteceu a primeira semana de recepção dos alunos novos no curso. Naquela semana, um dos laboratórios apresentados foi o Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), o qual já tive interesse desde então de participar, justamente pela temática e pelas possibilidades que ali se abria para meus estudos. Assim, uma das primeiras atividades que eu mesmo me propus a fazer foi produzir algumas artes gráficas de divulgação dos projetos que ali ocorreram ou ocorrem ainda. A professora Louise Prado Alfonso, em uma conversa ainda um pouco informal, me convidou para produzir as artes gráficas do projeto “A Fronteira pelos Fronteiriços e Fronteiriças”, firmando, assim, maiores relações com as pessoas envolvidas nessa exposição, principalmente a Louise e a Isis Pereira.

Esse processo de feitura dessas artes gráficas e, principalmente para esse projeto, foi uma maneira de experimentar uma abordagem que jamais estivera nos contextos da minha vida e de formação do meu conhecimento a respeito do mundo, ou seja, a fronteira. Nasci em Belo Horizonte, em Minas Gerais, estado brasileiro que tem como sua fronteira mais próxima o Oceano Atlântico, mas jamais uma fronteira com outro país. Essa exposição, além de para tantas outras coisas, me evidencia e reforça o quão político é de fato a fronteira marcada muitas vezes pela simplicidade de um rio estar ali naquela localidade geográfica e isso servir de marco territorial. Ao mesmo tempo, me mostra como a relação cotidiana daquela região, nos vários sentidos que isso possa a vir ter para os diferentes

habitantes, se entrelaça com as formas e as possibilidades de que a memória, a paisagem, a linguagem, enfim, sejam simbolismos que se desnudam numa dimensão de criatividade cotidiana. Como afirma Tim Ingold (2011), relatando sobre uma ida à praia com seus alunos de antropologia da Universidade de Aberdeen, retoma o pensamento do arqueólogo Christopher Tilley sobre a fenomenologia da paisagem, considerando, assim, que

a paisagem não é uma constante física que seja simplesmente dada à observação, à descrição e à mediação empírica. Ela é, antes, dada apenas em relação aos seus habitantes, às suas vidas, movimentos e propósitos, e os locais onde moram, e extrai seu sentido dessas relações (INGOLD, 2011, p. 77).

São justamente essas tramas que se pensou, a partir do trabalho de Isis Karinae “Yo Nasci Nuna Frontera Donde se Juntan dos Pueblos: Uma (auto) etnografia Situada Entre o Brasil e o Uruguai” no qual se discute exatamente esses movimentos e as relações que há daquele lugar com os habitantes. As questões envolvidas naquele estudo falam de um movimento e significados que oscilam e transformam. Ora, as diferenças criam unidades e particularidades que integram e absorvem um do outro. É de muita responsabilidade e muito desejo que me propus fazer essas artes gráficas para mostrar a diversos públicos uma condição, um modo de vida, uma linguagem, uma forma de falar. Acabou sendo divertido e muito significativo na minha vida, ao mesmo tempo que um desafio saudável de falar na perspectiva do portunhol a respeito de uma relação que acabei por desconhecer no processo da vida de absorção do conhecimento, mas que me permitiu pensar o quão complexo é o conceito de “identidade” e como ele se adensa ainda mais no espaço e na interação. Entendi que, em poucas palavras, fronteira é inteiração, é o longe e o breve, é uma abstração do real.

Criar uma atmosfera que se relacionasse com essas ideias, foi um processo longo em vários aspectos. Primeiramente, um deles, foi examinar e entender como essa distinta e longínqua temática em minha vida tomaria forma pelo o que conheci da fronteira em dois anos morando em Pelotas. Não por acaso, a antropologia me convenceu que é somente conversando e adentrando uma trama de inúmeras sensações que muitas vezes fazem parte de outras pessoas que poderia, de alguma forma, compreender essa paisagem. Então, a pesquisa por grafias e cores que absorvessem essa composição demandou algum tempo, pois me preocupei em examinar os textos dos banners e fazer com que eles se integrassem. A experiência de produzir e deslumbrar as estéticas contemporâneas do design editorial me fizeram pensar em um minimalismo e em uma composição rígida, mas ao

mesmo tempo, nesse processo, os vários elementos textuais, imagéticos, linhas, enfim, se orientam em certo limite. Usando cores básicas, esses elementos tiveram que se organizar de outra maneira, tanto na escolha das próprias cores quanto no limite espacial da arte impressa. No papel, havia esse limite, mas é justamente nesse contexto de representação de uma realidade que a geografia aparece.

Nesses fazeres, o meu conhecimento mundano depositado em um processo de dois anos não foi somente estético, mas de intervenção na ideia de fronteira dada minha experiência, de alguma maneira superficial. Ao absorver a existência de uma natureza plana e muito verde em um canto do mundo que às vezes parece mais chover do que fazer sol, a palavra que mais agia na minha cabeça era “curiosidade”. E como é curiosa a fronteira! O limite não é singular, mas plural. E muito mais plural cada vez que a se conhece mais.

O saber popular sempre foi a chave para o conhecimento do mundo, e a antropologia, lidando com nuances e particularidades que são fundamentais para explicar e entender a condição cultural local das pessoas, faz uma análise microscópica dessas realidades. O idioma, então, é sempre uma feitura inacabada, é um processo artesanal de composição da comunicação e ordenamento de significados. Jamais se pode entender a linguagem como um simples emaranhado de códigos, é muito mais que isso: é uma relação criativamente recriada inúmeras vezes, é o que bombeia os desejos próprios para serem externadas suas particularidades.

Assim, o processo de criação dessas artes seguiu no desafio da organização dos elementos nos banners. Em todos eles, há a linha fronteira entre o Brasil e o Uruguai, que em várias posições distintas, em cada banner, foi assim pensado primeiro para se refletir a posição dessa linha nesse território e depois por uma ideia estética, de composição da arte e da temática. Interessante perceber que a linha também aparece como um caminho, que não necessariamente leva a algum ponto final, mas estabelece coordenadas que se associam ao território. Para tanto, os marcos que se encontra nessa paisagem foram inseridos primeiramente recortando de uma imagem do próprio marco e depois foi substituído pelo desenho da professora do curso de Antropologia na UFPel, Flávia Rieth. No primeiro banner, a ideia é discutir um panorama sobre a exposição e sobre o que ali se trata, na terra “de los niños descalzos”. As cores usadas tentam retratar uma paisagem evidenciando aspectos tanto do urbano de Rivera e de Santana do Livramento, como também da região rural dessas cidades.

Nos banners brancos, tivemos um problema. Eu comecei a fazer a arte e achei que ficaria muito tumultuado se todo aquele conteúdo fosse disposto em um só banner, então fiz mais um tentando trazer uma ideia de continuidade por meio das cores e da organização espacial dos elementos, como a linha fronteira que somente nesses banners aparece mais ao meio

em posição horizontal. No outro banner, com fotos de bebidas e de uma loja de produtos de informática, a linha toma uma posição de verticalidade, sem separar o espaço, com o mapa da malha urbana das duas cidades fronteiriças pesquisadas sobrepostas. Justamente nesse banner, fala-se sobre a dinâmica cotidiana das pessoas que ali vivem, como por exemplo o fato de uruguaios e uruguaias morarem em Rivera e estudarem em Santana do Livramento, uma prática de vida que se distingue em suas particularidades e suas relações com aquele espaço.

Frequentemente, a ideia de limite aparece como um conceito a ser explorado, principalmente em uma relação de dois países latino-americanos que ora são muito parecidos, ora são muito distintos. Aliás, essa diferenciação é justamente a prova de que na verdade as fronteiras são os limites abertos, o entrelaçamento de aspectos sociais, praticados e relacionáveis. O banner de fundo verde discute essas ideias e o que significa o pensamento a respeito do Estado brasileiro e uruaio na vida dessas pessoas que ali habitam, “existe uma diferença entre quien son las personas deste lugar y quien el Estado quiere que seamos”.

Já o último banner apresenta os participantes de todo esse processo de feitura dessa exposição e como essa pesquisa foi abordada, resultado de uma (auto)antropologia desse lugar pela Isis Pereira. Enfim, fala-se de maneira simples com composições estéticas variadas, que obviamente coloca um pouco do meu gosto estético também. Agradeço muito por esse trabalho e por essa confiança. São várias as ideias, os conceitos inúmeros.

## FRONTERA: TIERRA DEL HAMBRE, DE LOS NIÑOS DESCALZOS, DOS QUE TEM MUITO Y DUS QUE NAUN TEM NADA

O que é o español? E o portuguê? Por que ficam falando que a gente fala errado?



Me cumplican por fala errado, mas nunca entendi.

Muestro acá nuestra lengua, el portuñol como una lucha, para que todos vean que nuestra forma de falar y de estar en el mundo no estan errada. O Portuñol no es um simple erro de muita pessoa, no es el español con falta de ortografia, o u portuguê mal escrito, o portuñol es un idioma propio, nuestro idioma.

Portuñol? Dizem que es cosa de guerra, un mamarracho, pero yo creo que es cosa de madre, de poeta y amante.



Prus de fora naum tem nada dividindo rivera y livramento, como se fose tudo u mesmo. A rua principal de Rivera continua sendo a rua principal brasileira, mismo dexando de ser "Sarandy" y pasando a ser "Rua das Andradas". Lá nos bairros, tem umas casa que o banho é brasileiro, mas a cozinha é uruguaia. Na campanha, us marco serve de direção, se diz ensin: "moro lá na chácara do marco 578"

Vieram mas guerra, teve uma época que o que é o Uruguay ia até Santa Catarina, y os tempo que brasileiro pegaram Colônia do Sacramento. Hoje a gente tem isso ahi, tamo no meio dos dois, só tem pedra separando a gente.

Tem un imaginário de que é una frontera, y de dize o que é. Santana do Livramento y Rivera son conhecidas por ser la frontera da la paz, por su cultura de integración, isso se deve a que a gente naum faz guerra aqui, naum é que nem em otras fronteras. É comun fala que os marcos tan alli pra unir y no pra separá.

Marcos de piedra caleado nacieron en la frontera, para la gurizada subir, remontar cometa y jugar, para los piche juntarse en la noche y tomar, para los cambista sentarse, las señora esperar el taxi despues de ir al mercado, para que a los domingos se siente la gente a tomar mate, para decir donde vivimo, pero inventan que es para los turista sacarse fotos.

Mas a final de conta, o que tu marco de pedra tan dividindo?

Mas me diz tu, o que é uma fronteira?

O que es ser fronteirico? Por que é contrabando?

Brasil? Uruguai?

Me diz logo, o que tá bom y o que tá mal?

Marcos de piedra caleado nacieron en la frontera, para la gurizada subir, remontar cometa y jugar, para los piche juntarse en la noche y tomar, para los cambista sentarse, las señora esperar el taxi despues de ir al mercado, para que a los domingos se siente la gente a tomar mate, para decir donde vivimo, pero inventan que es para los turista sacarse fotos.

Tem gente aqui que não é nem uruguiaio, nem brasileiro y tem gente que é us dois. Us político nem nota isso, só oia pra gente pra tira as coisa que vendemo.

Us documento te trazem beneficio: estuda um pouco no Uruguay y otro poco no Brasil; se atende no hospital do Uruguay, mas te jubilación no Brasil; tener derecho a defensoria pública no Uruguay, mismo que nacido nu Brasil; vivir no Uruguai, mas ter um carro brasileiro; vivir no Brasil, mas us fio estudarem en escuela pública do Uruguay; poder compra tanto nu Brasil, cuanto nu Uruguay. Esas cosa que pasa todo dia o Estado classifica como informalidades, un manejo de la legislación pelos ciudadanos, una leitura, una comprensión y un colocar en práctica sus derechos.

Hasta que punto esas informalidades poden ser clasificadas como ilegais? Son dois pais mandando acá, eles também fazem a cultura de fronteira. Eso muestra que Estado, ciudadano, periferia, centro y fronteras pueden ser pensados de diferentes maneras.

no final das contas o que significa ter cédula uruguiaia e brasileira?



La frontera vista naum como un limite, mas como o fronterizo vive la frontera: como un lugar con limites abertos, proporcionador de oportunidades, criadora de situaciones que permiten u desenvolvimento de dinamicas que atrapallan la ordem du Estado, desestruturadora de normas, fazendo com que u Estado implante as mais diversas políticas pra torna este lugar una dualidade, un Brasil y un Uruguay, cada vez mas una de las naciones y menos la frontera como ela es, definindo u que faz y o que naum faz parte da nacion.

Leyes que vem de fora y naum faz u menor sentido pros fronterizos, existe uma diferenca entre quien son as personas deste lugar y quien el Estado quiere que seamos.

La relación entre us dois lados es de cidadanias, economia y pertencimiento a una nación y a la comunidad local. Las identidades se mesclan, mas naum viram una solo, pero nuestra manera de vive es la mesma, una cultura de frontera, que no necessariamente es la cultura brasileira y uruguaya fundidas.

Lo que hace  
la frontera  
Frontera?  
Tu conseguiv  
entender lo  
que esta  
escrito?  
Como es la  
frontera pra  
ti?

## A FRONTEIRA PELOS FRONTEIRIÇOS E FRONTEIRIÇAS



Esta exposição é resultado da pesquisa "Yo naci nuna frontera donde se juntan dos pueblos": Uma autoetnografia situada entre o Brasil e o Uruguai (PEREIRA, 2015), no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. O projeto de extensão "A Fronteira Pelos Fronteiricos e Fronteiricas" está inserido no projeto de Pesquisa "Margens: grupos em processos de exclusão e diferentes formas de habitar Pelotas". Esta exposição objetiva o contato entre a comunidade e a universidade, por meio de um debate sobre a fronteira.

### Créditos

Coordenação Geral: Louise Prado Alfonso e Isis Pereira  
Curadoria da Exposição: Louise Prado Alfonso, Isis Pereira, Jaciana Araujo, Vagner Barreto, Marcela Dode, Taciane Souza, Gustavo Fiorini e Jaime Mujica  
Design Gráfico: Gustavo Fiorini  
Fotos: Bianca Dornelles e Angel Pereira  
Agradecimentos: aos/as fronteiricos/as que dedicaram o seu tempo a nos contarem sobre a sua fronteira, à equipe Moviola pelas imagens fornecidas, ao Angel Pereira pelo seu registro sensível da fronteira, à Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia e à Fapergs.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: Ensaio Sobre Movimento, Conhecimento e Descrição. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MÁRQUEZ, Francisca. De Territorios, Fronteras E Inmigrantes: Representaciones Translocales en La Chimba, Santiago De Chile. **Revista de Antropología Chilena**, Chungara, Arca, v. 45, n. 2, p. 321–332, 2013.

PEREIRA, Isis Karinae Suárez. **Yo naci nuna frontera donde se juntan dos pueblos**: uma (auto)etnografia situada entre o Brasil e o Uruguai. 2015. Monografia (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, [2015].

PEREIRA, I. K. S. et al. A fronteira pelos fronteiros: exposição de uma narrativa multilíngue. In: III Congresso de Extensão e Cultura, da II Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2016, Pelotas. **Anais do III Congresso de Extensão e Cultura**. Pelotas, 2016.

## AUTOR

### **Gustavo Fiorini Marques**

Graduando no curso de Bacharelado em Antropologia com linha de formação em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, RS. E-mail: gustavo.fiorini\_@outlook.com.

Recebido em: 10/06/2018.

Aprovado em: 28/06/2018.

Publicado em: 28/10/2018.